

COGUM



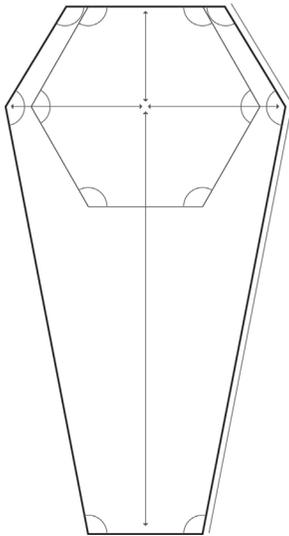
MAURÍCIO CHADES

COGUM

1ª edição
Brasília
2013



ao meu pai. à minha vó.



6

prisma

Um prisma hexagonal imperfeito. Chamo de imperfeito por não ter lados iguais. O lado do hexágono corresponde ao diâmetro de uma circunferência circunscrita nele. Mas o formato de um caixão exige que ao menos três dos lados do hexágono sejam diferentes, os três de baixo, correspondendo ao comprimento do corpo que vai morar ali. Supondo que o cadáver não seja simétrico em largura e altura, o que é bem aceitável, os três lados de baixo provavelmente serão bem maiores que os de cima. Os volumes de um corpo humano pedem um prisma hexagonal que não é exatamente um hexágono. Na ausência do conhecimento sobre a forma geométrica que receberia esse nome, vou chamar isso de hexágono-caixão, mesmo que não seja um conceito geométrico.



cogum

É enterro, mas não há caixão. Pessoas choram. Outras que apareceram, mesmo que pouco íntimas do meu pai, não choram. Mas algumas dessas também choram. Conseguem. A grama está molhada, o que conforta sob a exposição do sol abundante de um dia de enterro nada nublado.

O túmulo será debaixo de uma árvore. Bom para o meu pai que não gosta de sol. Ou se pouco importa do que gosta o morto, bom para quem o visita.

Na base da árvore, sobre as raízes ostensivas que invadem o chão, cogumelos. Comestíveis. E querem se alimentar do cadáver, tirar dele as 219 toxinas do corpo humano e devolver para a terra. Mas o corpo, que já era impuro, ganhou enchimentos cosméticos para parecer vivo. Foi bombeado com formaldeído tóxico, para retardar a decomposição. Provavelmente, causando câncer no funcionário da funerária responsável por essa tarefa. O cuidador do morto é um vivo envenenado. Rejeitar a morte e envenenar um vivo, quando cogumelos comestíveis poderiam limpar as toxinas da morte e levar o corpo a terra. Cogum.

luz

Carregam o cadáver numa maca.

A pele morta, maquiada pelo serviço funerário, exposta ao sol.

Debaixo da árvore, eu e meu irmão levantamos o cadáver pelas pernas e ombros e o carregamos até as marcas de um caixão sobre a grama. Marcas de um desenho técnico de caixão.

É enterro, mas não há caixão. Está morto, mas não imerge na terra.

9

Ainda é sol e já deixam o morto. Putrefarão fora do cemitério. Sem os parentes e amigos, o morto é cadáver entre outros, mas a relação não é de igualdade. Os outros mortos podem mergulhar no chão, mas este não. Para ele o chão é firme. Sem os parentes e amigos e incomunicável aos outros mortos, este morto está só.

É ele e o Sol. Muito mais Sol. A pele escurece.

O Sol sai do centro do céu para dar sombra às coisas.

Quer não estar mais. A grama já secou e ganha textura com as sombras oferecidas pelo Sol que quer curvar-se no infinito, que não dá para ver. Sol que vai curvar-se atrás de um prédio.

Sol que sai, parando de estragar a maquiagem funerária que cobre o morto. Luz diagonal que revela as rugas na pele de uns 60 anos, menos vistas com a luz anterior, frontal.

Curva e dura, a luz deu sombras a todas as coisas. Deu sombras ao rosto do morto.

10

O sol escondido. A luz ainda resiste, rebatida no céu. Com sua origem ocultada, finalmente atinge difusão plena. Hora mágica. Fluida, a luz preenche e esconde as sombras como tecido leve cobrindo todas as superfícies. Escurece da direita para a esquerda. É sombra novamente. O morto abre os olhos. Cambaleia, levanta, anda. Sem sol, cemitério fechado. O morto quer sair.

A pé até o imponente portão metálico, ele escala com dificuldade e chega ao outro lado.

•

um

Uma casa onde vive menos um. Ainda somos cinco. Ou um, um, um, um e um. Mãe, esposa e três filhos. Luzes apagadas. Cada um em seu espaço, experienciando dor. Vivendo ela expurgar de seus corpos secreções pelos olhos e nariz. Forçar o tórax e pulmões para chorar.

•

postes

11

Na parada de ônibus em frente ao cemitério, o morto espera. Veste a melhor roupa para não viver mais. O morto não tem dinheiro, não lhe deram quando foi para o cemitério, não consegue carona com ônibus. Ele pega um taxi a pagar na chegada.

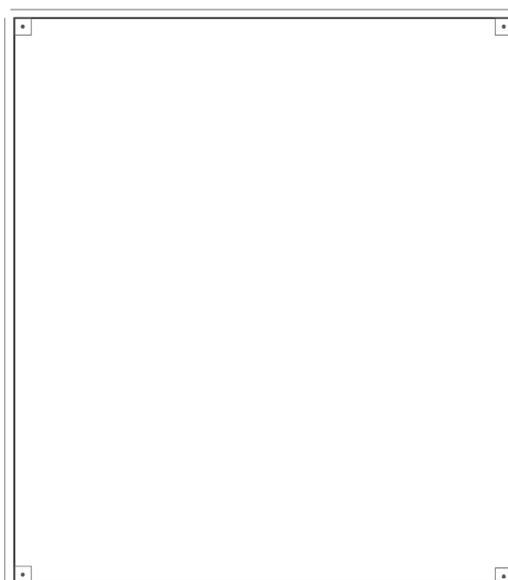
Na rua deserta. Luz amarela de postes. Quase só silêncio e latidos de cachorro.

Lavina, viúva, paga a viagem. Reclama. Diz que ele não poderia se dar ao luxo de um taxi caro quando

ela tem que arcar sozinha com as despesas de uma morte. Caixão, 3000 reais. Túmulo, 3000 reais. Mais 30 reais a manutenção mensal do cemitério. Pós-morte, a especulação imobiliária continua. A lápide, ainda não pronta, foi encomendada, 200. Além dos serviços funerários, familiares e amigos visitam constantemente. Beijam, abraçam, consolam. Comem e bebem. Mais custos.

O morto corrige os gastos de um caixão que não conheceu. Lavina não responde.

Ela silencia e lacrimeja. Ele fala 'desculpa' e põe



reticências.

cama

Lavina preenche a cama de casal. Líquida. De braços. Imóvel. Morta. Tonin está sentado num canto da cama, de costas para ela. Lavina vejeta e Tonin parece menos morto.

Os trinta anos de convivência fizeram Antônio perder o nome.

O tempo suspenso durante muito tempo. Inação de ambos. Lavina quebra o nada pedindo que Tonin saia, afinal, na dor é bom ter momentos solitários.

13



vapor

No corredor Tonin teme os encontros. Uma porta entreaberta faz saber que eu, Maurício, estou no quarto, mesmo sem luz ou qualquer outro sinal de presença. Mariana assiste à TV na sala, no mudo, hipnotizada pela luz. Num outro ambiente da sala, Pedro mantém-se concentrado, navegando na internet. Dolores é a única que não faz de sua presença mistério. O choro dela transcende as paredes do quarto com porta fechada.

Tonin hesita frequentar qualquer um dos ambientes onde o encontro possa ser consequência. Nem quarto, nem sala, Tonin entra no banheiro.

Encara o espelho e busca menos confusão. Não entende a sensação de corpo nem a aparência que o espelho lhe devolve. O rosto liso é estranho sem os bigodes de Freddie Mercury preservados nos últimos 30 anos. Com cuidado, esfrega o dedo indicador sobre a bochecha e percebe que muita maquiagem esconde sua real aparência. Abre a boca e examina o seu interior. Restos de sangue ressecado nas gengivas. Sinais da icterícia mal camuflados pela maquiagem funerária. Tonin tira a camisa e vê nas sobras de pele da barriga sinais de algo que foi removido. Rejeita o espelho e encontra o chuveiro.

Está debaixo da água, mas não se lava. Imóvel. A água quente é o movimento no banheiro, onde o vapor sobe. Espelho embaça.

Tonin sai da água. Sobre o tapete, espera paciente o excesso de água cair. Não usa toalha. Encara o espelho embaçado. Em um gesto, limpa o suficiente para revelar o rosto lavado. Agora mais morto. Olhos amarelos, parecem tingidos. Algum sangue ainda persiste em es-

correr pela gengiva. Marcas de agulha por todo corpo.

Tonin veste a mesma roupa e volta ao corredor, mais silencioso sem o choro da minha vó. A presença mais evidente e viva da casa talvez seja da geladeira que, da cozinha, preenche os cômodos com seu ruído grave.

•

pet

A programação da TV a cabo se apropria da dor de Mariana. Ela aprende como criar iguanas, sobre os sentimentos dos gatos, a escovar baleias e acumula. Ocupa. O olhar fixo medita sobre as imagens editadas sempre iguais em todos os episódios, tornando dispensável o som para apreendê-las. Edita o espaço e a presença de Pedro no computador logo ali. Edita Tonin que sentou ao seu lado e olha para os gatos na televisão como ela. Na janela, Ozu, o gato da casa, editado, também olha a TV.

O pai pergunta o que tá acontecendo no programa emudecido. Ela só responde que não tá ouvindo pra saber. Diz que ele na verdade não quer conversar. Que está envolvido de alguma culpa que o faz puxar assunto. Para tentar compensar algo que não sabem faltar, mas está vazio. Ele não se defende. Atacar seria mirar diretamente os olhos da filha que, como ele, nunca parou de mirar a televisão.

Ele pega a mão dela e a acaricia. Ela tenta tirá-la, mas quer o carinho. Ele a segura. Ela aceita. Minha irmã não acredita mais no canal de pets e ainda não reconhece isso, mas continua na frente dele na espera da buzina do carro do noivo que não chega, para saírem juntos ou juntos verem o canal de pets. É ver o canal de pets com afeto. Hoje não planejam a televisão. O noivo vem para estar no dia da perda. Para estar na dor. O programa de pets continua, e continua mudo, e Mariana continua esperando quem encare sua dor por ela.

O carinho cessa. As mãos se encostam e não se tocam. Na televisão, o programa de gatos parece infinito. Também é infinito o som do teclado sendo digitado com força por Pedro logo ali. A inexpressividade das tentativas com Mariana pedem trégua de investidas, Tonin busca Pedro, filho mais velho.

Balões de chat estão distribuídos no monitor do computador. Pedro digita rápido para não demorar responder o próximo balão que pisca ansioso, indicando uma mensagem não lida. Tonin não é um balão de chat, nem pisca, mas espera ser notado por Pedro que não está ali.

congelada

Tonin para. Busca se armar na cozinha, onde o som do teclado é distante e o barulho da geladeira é ensurdecedor numa casa no mudo. Para cozinhar, a luz é inevitável. A lâmpada comum é clarão para os olhos que se

acostumaram à casa escura nas últimas horas.

Tábua, prato, faca. Queijo, presunto, pepino, cebola, mostarda, pão. Tonin se serve do que encontra na geladeira, carregada de comida congelada para uma semana, e monta um sanduíche bastante atraente. Leva o prato à sala e coloca na mesa do computador. Pedro não se movimenta, mas agradece com "obrigado papai", que marcou a relação dos dois até então. Um "obrigado" culpado pela serventia cômoda, e um "papai" infantil para um filho adulto que não está seguro sobre a gratidão.

muda

Quer tentar Mariana de novo, que ainda se envolve com a televisão muda. Senta ao lado dela como antes. Mira a televisão junto, como antes. Um carro estaciona na frente da casa, o gato, na janela, olha, ela também. Sai. Fica Tonin, o gato na janela e outros na televisão. Pedro continua em não estar.

17

•

pisca

A porta do quarto de Dolores está encostada. Tonin abre devagar, silencioso. Minha vó diminuiu o choro por enquanto, para gritar como força mais tarde. Soluça.

O teclado já não é barulhento na sala, Pedro divide o chat com o sanduíche. A geladeira é constante e, na porta do quarto, Dolores, que não grita, ainda é sonora chorando.

Minha vó se estende de braços na cama. O travesseiro sufocando a cara recolhe as lágrimas e o catarro. A fonte de luz é um pisca-pisca que envolve vários imagens de santos, anjos, um oratório e fotos dos mortos que levam suas orações. Pai, mãe, marido, filho e, logo, o porta-retrato de outro filho. E vários porta-retratos sem fotos, já colocados, mas não preenchidos.

Tonin vê Dolores nesse intervalo de luz em que as lampadzinhas coloridas acendem e apagam. Mas o choro não se interrompe.

Ela reclama de terem levado João Carlos, o filho mais novo. Já faz nove anos, mas sofre igual. E agora levaram o filho mais velho. Diz que não sobrou nada. Tonin fala das irmãs que ainda estão vivas. Ela ignora o argumento por apego à dor. E quando se esgota no falar de perdas, fala de culpa. Lembra do que não foi feito, do que não foi evitado, do que foi sofrido. Coloca nas suas mãos a resolução das coisas que não foram resolvidas e morreram. Aos que morreram, Dolores se credita a culpa, como se fosse a causa, a própria doença. Sempre que alguém morre, minha vó é uma

vó-mãe-masquista-assassina.

Tonin tenta consolar a mãe. Abraça-a. Ela não reage nem dá brecha para ouvir. Só ela chora, só ela fala. Depois de citar os 10 pontos de sua culpa em todas as desgraças, Dolores resolve colocar a culpa em Lavina, que nunca foi uma boa mãe, uma boa esposa, uma boa. Tonin sai.

•

hexagon

Eu durmo. Com a barriga para cima e mãos cruzadas sobre o peito, como um corpo colocado num caixão. Sobre a mesinha no quarto, meu macbook toca *Hexagon*, do Selected Ambient Works Volume II, do Aphex. Meu pai senta no pé da cama e espera que eu acorde, mas não vou acordar enquanto fingir que estou dormindo. Meu charme só dura até que *Linchen* comece a tocar. Eu quero conversar com ele. Ou, nem tanto conversar, mas expor, declarar.

Eu rio. É irônico ver meu pai sem bigode só nessa ocasião. Eu mesmo já tentei cortar, mas ele tinha vida para se defender, diferente de quando o serviço funerário não se importa com o valor simbólico e arranca o bigode sem consultar a família. Se no momento do embelezamento de morte, no salão de beleza da funerá-

ria, Tonin tivesse essa capacidade zumbíaca de estar vivo mesmo morto, como agora, certamente ele teria agredido o cara que se aproximou dele com uma gilete para remover o bigode. Ele estava apenas "morto" nessa hora, perdeu o moustache. E mais irônico é eu estar com o bigode do Freddie, cultivado nos últimos dois meses, enquanto meu pai definhava até a morte, e, agora, ele estar sem.

Eu falei tudo isso. E ri. E continuei deitado e ele continuou sentado no pé da cama. Mas veio para a minha cabeça e a apoiou no colo. Eu continuei falando.

Acho injusto que todos os cachorros que tivemos tenham vivido pouco. Na primeira doença grave, morriam. Meu pai nunca soube lidar com a possibilidade de. Da mesma forma, nunca vi nenhum dos cadáveres de ele se livrava antes de me falar que morreram na madrugada. Ele não encarava a potência de morte provocada pela doença nem a morte consequente. Então, para meu pai, a morte nunca existiu.

Como um de nossos cachorros, Tonin sofreu calado os sintomas lentos da doença por anos. Sempre furou as várias consultas marcadas por minha mãe hipocondríaca. Morre com culpa. Mas é difícil suportar a ideia de termos visto Dolly, Bingo, Garra, Bob e Dino morrerem sob a sua permissão e, com toda essa experiência em ser displicente com a morte, também se autopermiteu morrer. Talvez seja por isso que depois de Dino eu não quis mais cachorro. Temos Ozu. Até poderia ter um ca-

chorro, já que o ponto é que sou adulto o suficiente para salvá-los de você. Posso levá-los no veterinário com regularidade. É injusto que tenha vivido pouco, como todos os nossos cachorros.

Ainda tocava *Tassels* e eu com uma lista de pautas contra meu pai. Mas minha vó entra no quarto para reivindicar a cena com ela, inconclusa. Porque a velha não se satisfaz com pouca atenção.

Mas é me ver e esquecer do morto entre nós. Imediatamente finge espanto por eu ainda não ter tirado minha barba, o bigode, meu cabelo e minha trancinha "esquisita". Que é melhor eu não sair de casa assim, nem ir para o trabalho, porque vão pensar que eu estou "puxando fumo". O espanto fingido por ela é por estranhar sem estranhar que eu não tenha obedecido ao que uma pessoa mais velha "mandou". O espanto fingido é para o meu pai, um terceiro nesse conflito. O espanto é uma tentativa de conseguir que um terceiro concorde com ela para, quem sabe, sua retórica ganhar alguma força. Entre nós não acontece uma afecção que possa nos colocar num meio-termo, uma troca de energias que nos leve para uma atmosfera em comum. Apenas existe o embate. Se para ela eu tenho que tirar a barba, o bigode, meu cabelo e a trança, é provável que ela queira que eu retire mim de eu.

blur

Da porta escancarada para o corredor, minha vó se apressa para sentar grudada ao meu pai, me empurrando para o lado com a bunda. *White Blur* me inspirou para uma performance.

No banheiro do quarto quase vazio que já foi meu, peguei barbeador, espuma e tesoura. Enquanto minha vó enche a camisa do meu pai de secreções nasal-lacrimais, coloco um banco no centro do quarto. Com a tesoura, aparó um pouco da barba e do bigode. Espuma sobre a barba. Barbeador, lentamente. Limpo a sujeira na calça. Sem espelho, me corto e o serviço não fica perfeito. Mas é para minha vó, afinal. Meu pai é como um almofadão onde ela se agarra para chorar. Ele não devolve carinho e está tão morto quanto deveria. Por fim, corto minha trança e amarro no pulso do meu pai.

Minha vó acha bonito. Me acha mais gente. Me acha mais neto.

mudam

No corredor que se revela através da porta, Lavina aparece, sonolenta, ou a cara inchada é a depressão mesmo. Pergunta para a sala e para o quarto se não estamos com fome. Fala que vai pedir comida naquele restaurante bom, que não aguenta mais comida conge-

lada. Meu pai protesta. Fala que Pedro acabou de comer, que pode fazer pros outros também e que não comemos nunca naquele restaurante bom. Que ele cozinha. Que o restaurante bom pode não estar tão bom. Minha mãe defende aquele restaurante, que a comida do meu pai não é a única que presta para nós. Que é provável que a comida continue boa. Ele lembra que cozinheiros também morrem e que restaurantes mudam.

•

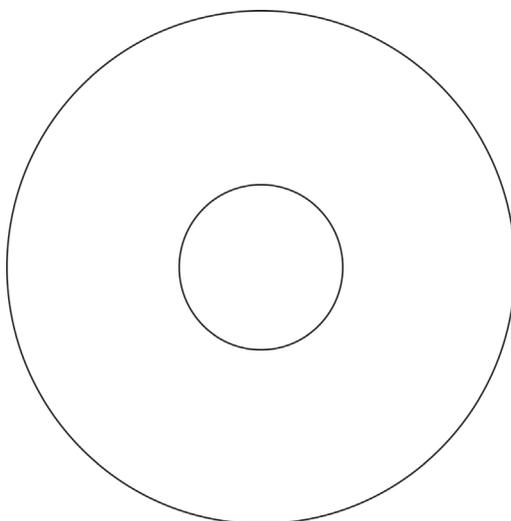
cenoura

A cozinha é equipada como cozinha de família, mas um tanto gourmet. Tem suas grandiosidades, seus instrumentos profissionais, o forno, o fogão, os utensílios. Uma cozinha de família montada pelo meu pai, cozinheiro virginiano. Mas a geladeira de congelados é como numa república de estudantes onde o ritual de cozinhar é evitado para que não se pareça uma família. Ninguém fez compras nos últimos piores dias de nossas vidas. Os congelados estão lá para esses dias difíceis de hibernação. Cenouras, ovos, óleo, açúcar, trigo, fermento, manteiga e alho são alguns não congelados.

Os ingredientes são tirados da geladeira.

Sem muitas alternativas entre cenouras e manteiga, meus pais resolvem fazer um bolo de cenoura. Deixaram meu quarto pela cozinha. Minha vó continua agarada ao filho morto, grudando nele até o fogão, mesmo que esteja indisposta a ajudar. O barulho da geladeira cessa, ela entra em repouso.

Os mortos são tirados do meu quarto.



fermento

A hélice metálica do liquidificador é coberta pelos ovos, óleo e cenoura. Açúcar. Durante 5 minutos centrífugos de barulho intenso, os ingredientes perdem forma e cor por uma só. Eu saio do meu quarto para assistir e levo lápis e papel. Tonin fita o liquidificador durante os 5 minutos de homogeneização. Minha mãe unta a forma redonda furada com manteiga e trigo, desviando da minha vó que quer a atividade para ela, quer ser melhor mulher para meu pai.

À mistura laranja-rosada, o trigo é adicionado. O liquidificador fica pesado com tantos ingredientes. Pulsar. Soltar. O liquidificador grita e para. Misturar com uma colher de pau e liberar as hélices da lama. Fermentar. Pulsar. O cozinheiro treme, o liquidificador. A vó que desistiu da forma e sentou de frente a mim, com meus rascunhos de caixão. A esposa que coloca a forma untada na mesa para o meu pai despejar a massa, homogênia. A espátula investiga a jarra do liquidificador, raspa toda superfície e toda mistura é enformada. 180° no forno, durante 40 minutos.

Nem geladeira, nem liquidificador, só o teclado na sala utilizando o meu irmão.



E todo mundo na sala, esperando o bolo chegar. Todo mundo no sofá e meu irmão no computador, minha irmã na calçada namorando, o gato na janela e eu. A televisão, muda, assistindo a um morto, uma viúva e uma avó. O caixão na minha mão e o lápis, eu quero terminar isso pelo meu pai. Projetei sua instituição de morte, mas não ficou pronta a tempo. Colocamos sobre a grama. Desenhei aquele formato-hexágono para seu corpo, os poucos 160 centímetros de comprimento. Base, 6 laterais e a tampa. A estrutura como um todo nunca ficou perfeita, 6 lados nunca ficam em pé. O mdf fino é quebradiço e não consigo garantir resistência apenas com a cola, enquanto pregos e parafusos racham a madeira pouco encorpada. O caixão em pedaços está no meu banheiro, mas quer o cemitério, mesmo que desmontado. Substituir o hexágono-caixão em fita crepe desenhado sobre o túmulo é urgente.

Eu fiz esse caixão para a minha mãe e não só para você. Qualquer caixote de madeira em uma funerária é mais caro que meu computador. Eu não vou enterrar o meu computador. Vacilei em não terminar a tempo, mas você também antecipou o funeral. Não avisou. Mas ele existe, eu posso dar uma calibrada na cola e você entra. Eu falo com você, que me ouve, mas, em uníssono com minha mãe e vó, olha o programa de pets

que persiste toda noite, como se repetisse randomicamente, viciado.

Mariana entra e o forno apita. Assou. O gato salta da janela para se agasalhar atrás dos três pescoços no sofá. Lavina manda Ozu sair. Tonin estranha ela falar com o gato. Efeito da solidão. Mas morri ontem e não deu tempo de aprender a falar com gato. Ela responde que só o corpo do meu pais que morreu ontem.

O bolo esfria sobre a mesa de centro. O bolo entre todo mundo e a televisão. Eu entre as partes do caixão que trouxe para a sala. Pedro, que continua.

27

Com pregos, posso tentar sustentar melhor o caixão como estrutura. As rachaduras na madeira serão menos importantes que dar ao meu pai essa embalagem. Entre eles, o bolo e a televisão eu prego. Martelo barulhento, mas indiferente aos que já dividem atenção com os pets e, agora, o bolo de cenoura.

A faca desce, imerge o bolo macio. Quando encosta na forma, minha mãe tira a faca. Voltar a faca à superfície seria esfarelar o bolo. Várias fatias simétricas. Metade do bolo em fatias. As fatias nos pratos, cada um pega o seu. Alguém de nós lembra Pedro que ainda não pegou um prato. Pedro mais uma vez lembra que não está.

O morto coloca o prato sobre o teclado e passa a mão na cabeça raspada do meu irmão na saída. Passa carinho.

Todos comendo bolo. Menos eu. Menos o morto. Também ganhei um pratinho. Tá no chão enquanto colo, prego. 6 lados nunca ficam em pé. Colo primeiro e depois prego. Martelo.

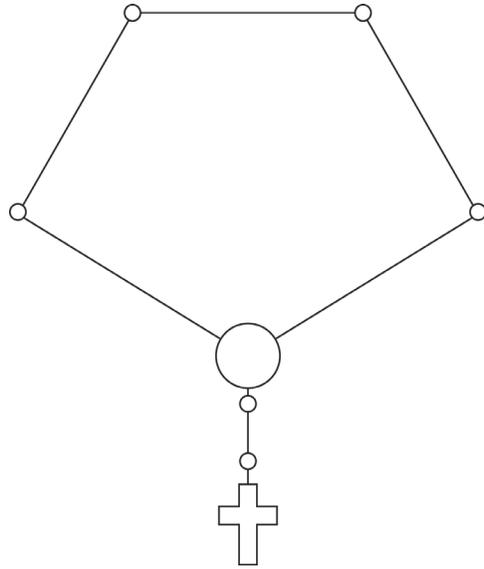
Olham a TV e erram a boca. Bolo que se esfarela. Ozu que se aproveita para comer o que cai no chão. Os farelos vão mais molhados, se misturando às lágrimas, virando lama de bolo. Vó, mãe e minha irmã, chorando enquanto comem. Os olhares finalmente desviam esporadicamente da TV, encontram o caixão que vai ganhando forma. Olham a TV e voltam ao caixão, voltam à TV. Dolores beija e mastiga. Molha meu pai, indiferente.

Pedro, que não chora, mas esfarela sobre o teclado, fotografa o bolo com a webcam. Posta no Facebook, "de cenoura". Ele fotografa o bolo. Das coisas que poderiam significar para ele agora, ele fotografa o bolo. Não sou tão diferente: com iphone há um ano e umas 1000 fotos, não fotografei você, sou Pedro também. Fotografei os bolos, risotos, pizzas, Ozu, tênis, pés, mãos. Superpóético. Só não fotografei você. Não te postei na minha timeline nesse um ano de iphone. Suas aparições são entre panelas e pratos e em vídeos que sua voz invade. Nos vídeos, você está no extracampo.

Colei e preguei o caixão. Tá rachado e tosco. Não aca-

bado, mas dá para morar. Não vou comer o bolo. Parece que faz chorar. Fotografo a minha obra com o celular.

Minha mãe recolhe os pratos, o bolo e se recolhe. Não vai pagar taxi. Já deixa claro sem que toquem no assunto. Reclama o carro que não tem mais, vendeu para pagar o cheque especial gigantesco que meu pai ajudou a agigantar. Reclama o taxi que não vai pagar, que agora vai ser diferente, que dali em diante viver não será um dívida. Dorme.



30

•

credo

Dolores reza o terço em frente ao oratório que acende e apaga no seu quarto. Pisca-pisca. Quatro grupos de 5 mistérios. Ave maria, cheia de graça, o senhor é convosco. 53 vezes. Bolinhas para contar, contas. Pai nosso que estais no céu, 6 vezes. 1 vez, Credo.

•

Matei

Mariana desliga a televisão. Dorme.

Você também quer ir agora? Para onde? Para o cemitério. Sim. Melhor ir agora. Tão longe e vou a pé. Leva uma pá. Não sei porque, mas eu queria te ajudar mais. Queria cavar para você. Queria compensar alguma coisa que não sei, que não dá para compensar, mas preciso dessas pequenas falsidades, dessas pequenas mentirinhas para fingir que nem tudo tá errado. Preciso fazer o caixão, fazer o buraco e fingir que não matei. A geladeira religa e volta a ser a textura sonora predominante.

Matou?

•

muda

O caixão lá fora, a pá. Minha vó para lá na trigésima ave-maria para entregar uma muda de pimenta para o meu pai. Chora e fala, quase não entendo a voz molhada, mas acho que ela quer que ele plante perto do túmulo. Ela promete que vai sempre regar. Entrega também uma flanela e detergente, pra ele fazer o favor de

limpar a lápide do outro filho morto, que é vizinho de túmulo. Chora, treme. Ela beija o filho na boca e volta para o quarto, retoma as ave-marias.

Sob a luz de postes até minha pele é assim, amarelo hepatite. Me encontro com meu pai na doença.

Cachorros rondam o portão. Trepam os focinhos entre os espaços da grade. Gemem na impossibilidade de chegar mais perto. Quatro vira-latas magrelos feios. Entre branco, terra, cinza e preto. Amarelos de luz de poste.

Pedro nos ronda. Incrível que ainda saiba andar quando, no país internet, as pernas se fazem de outra matéria. Para na frente de Tonin. Olha, estranha, reconhece. Cheira. Com uma caneta preta, desenha entre o nariz e a boca o que sente falta. Rabisca um bigode no meu pai. Reconhece. Diz que algumas dessas imagens estranhas não eram para o final. Esse não bigode não era para o final. Não era para ser uma memória. Dorme.

A gente consegue amarrar o caixão e as outras coisas num carrinho de mão. Os cachorros triunfam quando entramos na rua. Os rabos balançam os cachorros que pedem atenção. Eu sento na calçada para não cair. De repente, ficou muito mais pesado. Você tá indo de novo. Tenho a impressão de que você não vai atender as ligações que eu vou fazer. Tenho a impressão que vou ligar

várias vezes, ouvir tocar todas as vezes, cair sempre na caixa postal. A secretária eletrônica vai falar que será cobrado após o bipe. O bipe vai tocar, a ligação será cobrada, eu não vou falar nada. Tenho a impressão que você não vai ouvir meu nada. Nada.

•

rua

Ele vaga pelas ruas amarelas escoltado pelos cachorros. Sem pressa, carrega caixão e corpo. Ainda dá para ouvir a geladeira.

33

Um carro preto aparece e o segue ao lado, acompanhando a lentidão. Minha irmã abaixa o vidro. Ela veio com o namorado para ajudar com uma carona até o cemitério. O carro não aguenta o quase parar, morre. Meu pai, morto, continua. O carro pega novamente e alcança Tonin. Mariana desce do carro em movimento e segura o carrinho. Pega um lado do caixão e sugere que juntos coloquem no banco de trás. O namorado da minha irmã é um vulto, mãos sobre o volante, uma abstração nessa história que só cabem seis.

•

palavra

Tonin começa pelas atividades mais simples para ter a impressão de que já fez muita coisa. Limpa o túmulo do irmão. Limpa as palavras Deus, proteja, paz, amigos, família, esposa, mãe, filhos, Senhor. Planta a muda de pimenta entre cogumelos que se espalham perto da árvore que cobre os dois túmulos.

Cava. Sem força no corpo morto operando uma pá grosseira. Cava dentro da marca feita com fita branca, respeitando sua dimensão. Cova rasa.

34

•

stripes

Na cozinha. Assisto à geladeira. Meu mantra é essa textura sonora que ela emite, esse ruído. Esse *Parallel Stripes*.

Quase durmo na mesa quando minha vó aparece. Ela pega uma leiteira e enche de água. Prepara o coador de pano sobre a garrafa de café. A água esquenta, ferve. Eu assisto. O pó no coador. A água fervendo no coador. Café.

Enche uma xícara. Olho para ela. Num cantinho reservado, quase escondido, atrás do micro-ondas, minha vó coloca a xícara sobre um pires na frente de um santo negro. Eu tive que levantar pra ver o que ela tava fazendo. Esquisita. Sem que eu perguntasse, ela fala que a primeira xícara de café que ela faz todo dia vai para São Benedito. Que agora que ele já tá servido, nós também podemos beber. Ela serve duas xícaras. Nos sentamos na mesa um de frente para o outro. Um terço de bolo entre nós. Bebemos lentamente, sem perder o contato visual. Sem falar mais nada. Agora a gente só sente café. É uma sensação de ressaca. Ou pós-pesadelo. Ficamos assim sem expressão na dúvida do que era. Tristeza e angústia esperam um pouco enquanto bebemos esse café.

•

Caixão na cova rasa. Ainda que exposto, já é um caixão e já é uma cova. O caixão ganha rachaduras no fundo quando Tonin deita. Ele puxa a tampa e fecha. Deixa uma frestinha. Se importa em deixar uma passagem de ar mesmo que não respire mais. Se importa em olhar a lua que entra no caixão por aquele buraquinho.

36

Sol e lua quase cabem no mesmo céu. O horizonte já é vermelho.

O corpo desanima de vez. Putrefaz de vez.

•



1ª edição, 2013

Projeto Gráfico. diagramação. foto da capa. ilustrações

Maurício Chades

Revisão

André Gonçalves da Costa. Flora Egécia.

Patrícia Colmenero.

"Produto" apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Audiovisual.

Orientador | Me. André Gonçalves da Costa